

A LINGUAGEM, O SENTIDO DA AÇÃO E O SENTIDO DA VIDA EM WITTGENSTEIN

THE LANGUAGE, THE MEANING OF ACTION AND THE MEANING OF LIFE IN WITTGENSTEIN

Mirian Donat*

RESUMO

Este artigo investiga as relações entre a linguagem e a ação na filosofia tardia de Wittgenstein. Em primeiro lugar será apresentada a profunda conexão entre a linguagem e a ação no que diz respeito ao processo de constituição do significado da linguagem. Pretende-se enfatizar que na concepção de significado como uso da linguagem é determinante a compreensão de Wittgenstein de que a linguagem é uma ação humana no mundo. Decorrente dessa concepção temos um segundo nível da relação da linguagem com a ação, em que Wittgenstein defende que a própria ação se torna significativa de acordo com os jogos de linguagem em que está inserida. A partir da distinção entre movimento e ação, acompanha-se Wittgenstein no desenvolvimento da noção de que a ação humana se distingue dos outros eventos, pois ela recebe seu sentido de acordo com as razões que a justificam, envolvendo de forma incontornável o sujeito da ação na própria constituição do seu sentido. Por fim, veremos como tais relações entre linguagem e ação desembocam na consideração do sentido do mundo e da vida, tema recorrente nas observações de Wittgenstein. Dessa perspectiva, linguagem e ação se articulam para instaurar um sentido que precisa ser compreendido para além das explicações próprias da ciência, que apenas consegue apresentar e descrever fatos do mundo, que, em si mesmos, não têm nenhum sentido. O que dá ao mundo e à vida sentido são proposições gramaticais que envolvem conceitos relativos a uma determinada visão de mundo, em que se articulam as ações, as crenças, sentimentos e valores de uma forma de vida. Com isso, veremos que as relações entre linguagem e ação levam a uma particular concepção de ser humano e humanidade, que justamente envolve as relações entre linguagem, pensamento e ação no contexto de uma forma de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Ação. Sentido.

ABSTRACT

This paper investigates the relations between language and action in Wittgenstein's late philosophy, which will be done in three moments. In the first place the underlying connection between language and action will be presented with regard to the process of constitution of the meaning of language. Here we intend to emphasize that in the conception of meaning as use, Wittgenstein's understanding that language is a human action in the world is decisive. From this conception we have a second level of the relation of language to action, in which Wittgenstein argues that action itself becomes meaningful according to the language games in which it is inserted. So, in this second moment, from the distinction between movement and action, Wittgenstein's reasoning is followed in the development of the notion that human action is distinguished from other events insofar as it receives its meaning according to the reasons that justify it, involving in an unavoidable way the subject of action in the very

* Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2008). Professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: donat@uel.br.

constitution of its meaning. Finally, we will see how such relations between language and action lead to the consideration of the meaning of the world and of life, one of the recurrent themes in Wittgenstein's observations. From this perspective, language and action are articulated to establish a meaning that needs to be understood beyond the explanations proper to science, which can only present and describe facts of the world, which in themselves have no meaning. What gives meaning to the world and life are grammatical propositions that involve concepts related to a particular world view, in which actions, beliefs, feelings and values of a form of life are articulated. With this, we will see that the relations between language and action lead to a particular conception of human being and humanity, which precisely involves the relations between language, thought and action in the context of a form of life.

KEYWORDS: Language. Action. Meaning.

INTRODUÇÃO

Talvez a afirmação mais famosa e conhecida das *Investigações filosóficas* seja aquela que se encontra no parágrafo 43: “para uma *grande* classe de casos – embora não para *todos* – do emprego da palavra ‘sentido’ pode dar-se a seguinte explicação: o sentido de uma palavra é o seu uso na linguagem”. O alcance dessa afirmação é enorme, levando ao estabelecimento incontestável da noção de que na sua segunda filosofia Wittgenstein defende uma concepção de que o significado é instituído pelo uso das palavras no contexto de um jogo de linguagem. Esta é inclusive a própria base de sua concepção de filosofia, pois reiteradas vezes afirma que o papel da filosofia não é o avançar de teorias ou teses filosóficas, mas o desvelamento dos inúmeros equívocos gerados por maus *usos* da linguagem, ou seja, o objetivo da filosofia não é a verdade, mas a clareza conceitual.

Diferentemente do *Tractatus*, nas *Investigações filosóficas* Wittgenstein (2015, § 133) afirma que não há um único método para o esclarecimento conceitual, mas sim que na filosofia temos diferentes métodos, como que diferentes terapias. No fundo desses diferentes métodos encontramos a análise gramatical como a ferramenta que permite compreender as origens dos mal-entendidos, comuns a diferentes teorias filosóficas. Veja-se que ele não tem a pretensão de colocar no lugar dessas equivocadas teorias outra que deveria ser a verdadeira e correta, mas tão somente revelar as origens linguísticas das confusões e assim eliminar, por dissolução, tais problemas. Como afirma Venturinha (2010, p. 310):

Empregar filosoficamente a linguagem não significa, evidentemente, usar as palavras *num sentido filosófico*, porque aí pressupomos que estamos a dizer alguma coisa com sentido, mas sim analisar o que dizemos normalmente, quotidianamente, de uma perspectiva *gramatical*.

Apenas precisamos voltar ao “solo áspero” no qual a linguagem efetivamente acontece e ali procurar compreender o funcionamento da linguagem e os movimentos que determinam o significado das palavras. A análise gramatical deverá levar a uma visão panorâmica dos usos das nossas palavras, que “facilita a compreensão, a qual de fato consiste em ‘vermos as conexões’. Daí a importância de se encontrar e de se inventar *termos intermédios*” (WITTGENSTEIN, 2015, § 122). Esse procedimento revela as relações entre os conceitos e também dos conceitos com o contexto e circunstâncias em que aparecem, bem como com as atividades ali desenvolvidas, o que terá como resultado o esclarecimento conceitual.

Entretanto, apesar dessa relação da própria concepção de filosofia de Wittgenstein com a noção de que a significação linguística é devedora do uso que fazemos das palavras, muitas vezes a noção encontra certas dificuldades de compreensão, talvez geradas pela própria vagueza com que Wittgenstein a tratou. Encontramos, por exemplo, no livro de John Austin *Quando dizer é fazer* uma recomendação de cautela acerca da noção de uso, quando lemos: “‘uso’ é uma palavra incuravelmente ambígua e demasiado ampla, assim como a palavra ‘significado’, que muitos hoje não levam a sério. Mas ‘uso’, que a suplantou, não está em posição muito melhor” (AUSTIN, 1990, p. 89).

A noção de que a linguagem recebe sua significação do uso que dela é feito tem a ver com um ponto fundamental da filosofia de Wittgenstein: a noção de que o significado da linguagem está intimamente ligado com as ações humanas no mundo. Esse ponto tem de ser compreendido ligado com a noção de ação enquanto uma forma de prática ou atividade humana no mundo, no sentido de que cada jogo de linguagem articula dentro de si palavras e ações, ou seja, a linguagem nunca pode ser compreendida desligada daquilo que os homens fazem no mundo. Esse é o fundamento sem fundamento da nossa linguagem, a rocha dura onde nossa pá entorta: “se esgotei as justificações, então é porque estou a escavar na rocha, e a minha pá entorta-se. Estou então inclinado a dizer: ‘eu procedo assim’” (WITTGENSTEIN, 2015, § 217).

No que segue pretendemos realizar um exame das relações entre a linguagem e a ação na filosofia tardia de Wittgenstein, o que será feito em três momentos. Em primeiro lugar será preciso esclarecer o modo como a ação se relaciona com a constituição do significado da linguagem. Aqui será enfatizado que a concepção de que o significado é o uso da linguagem tem de ser compreendida em sua relação fundamental com a ação humana no mundo, ou seja, que a significação da linguagem está diretamente ligada com a prática humana que tem como pano de fundo uma forma de vida: todo jogo de linguagem articula dentro de si ações,

pensamentos e palavras. Depois disso, avalia-se a relação da linguagem com a ação, pois a primeira dá sentido à segunda, ou seja, para Wittgenstein a ação não pode ser compreendida e explicada em termos de movimentos corporais pura e simplesmente, cujas explicações podem ser dadas em termos de causas, que podem ser evidenciadas e provadas por métodos empíricos, mas que, como tal, não revelam o sentido da ação. As ações, diferente dos movimentos corporais, são linguisticamente articuladas, o que ressalta o papel das razões na justificação daquelas, desvelando o seu sentido. Por fim, tentaremos elucidar o modo como Wittgenstein relaciona a linguagem com o sentido da vida, mostrando que ainda aqui linguagem e ação se articulam para instaurar um sentido que precisa ser compreendido para além das explicações causais próprias da ciência, que apenas consegue apresentar fatos do mundo, os quais não têm sentido nenhum. O que dá ao mundo e à vida sentido são proposições gramaticais que envolvem conceitos relativos a uma determinada visão de mundo, em que se articulam as ações, as crenças, sentimentos e valores de uma forma de vida.

1 LINGUAGEM E SIGNIFICADO

Logo no início das *Investigações* Wittgenstein relaciona o jogo de linguagem com o seu enraizamento em uma forma de vida. Isso é feito, tanto no parágrafo 19 quanto no parágrafo 23, para enfatizar a ideia de que o “falar da linguagem é parte de uma atividade”, ou seja, a linguagem é uma atividade humana que se desenvolve no interior de uma forma de vida. Num jogo de linguagem estão articuladas as palavras com o contexto de sua aplicação e com as atividades que ali dentro se realizam.

De acordo com Arley Moreno cada jogo de linguagem diz respeito a certos domínios de nossa experiência, a qual é organizada por meio de uma rede conceitual que abarca essa experiência e dá a ela um sentido, que se condensa em proposições gramaticais enquanto regras do sentido daquele particular jogo de linguagem. Assim sendo, o termo ‘gramática’

subsume, em Wittgenstein, os diversos conjuntos de tais regras, particulares a cada setor da experiência. É no interior desses conjuntos de regras conceituais, as diferentes gramáticas, que são constituídos os diversos *sentidos* da experiência, ou melhor, é de acordo com essas regras que construímos raciocínios, juízos, hipóteses, descrições e inferências ao combinarmos os conceitos e que adquirimos, também, certezas e dúvida. (MORENO, 2005, p. 152).

Entretanto, Moreno enfatiza o fato de que a constituição dos sentidos da experiência somente acontece quando ligados a algum tipo de prática dentro de um contexto e circunstâncias específicos, nos quais se evidenciam os interesses e objetivos buscados, como afirma logo em seguida:

Os usos das palavras sempre são voltados para finalidades criadas no interior de situações práticas – seja na prática da vida cotidiana, seja na prática científica, ou, ainda, nas diversas formas de prática filosófica, artística, religiosa, etc. -, de maneira que essas finalidades podem ser as mais variadas, desde a construção de sistemas de medida, teorias científicas, sistemas filosóficos, artísticos, religiosos, até a construção de objetos, como casas, pontes, etc. (MORENO, 2005, p. 154).

Assim sendo, as palavras, proposições, sentenças só têm significado quando são usadas em algum contexto prático, e esse contexto está intrinsecamente relacionado com a vida humana como um todo, no sentido de que as palavras são efetivamente ligadas às ações humanas no mundo. Não se pode separar linguagem e ação assim como não é possível separar pedaços da linguagem e examiná-la separadamente, tentando assim encontrar seu sentido. “Não é mais o modelo referencial/agostiniano do *Tractatus* que regula o sentido, mas, sim, rotinas de ação, hábitos linguísticos ou, como diz Wittgenstein, a *práxis* da linguagem.” (MORENO, 2001, p. 6).

A própria noção de regra, nas *Investigações*, revela essa ligação entre linguagem e ação, pois não se trata mais de um conjunto de regras abstratas e desligadas dos sujeitos usuários da linguagem, como queria o *Tractatus* - que explica o sentido -, mas sim as regras no sentido em que condicionam um determinado modo de agir. Não à toa toda a discussão acerca das regras, nas *Investigações*, está sempre ligada ao seguimento de regras, pois as regras descoladas de seu uso não podem explicar o sentido: regra e seguimento de regras encontram-se ligados na prática linguística efetiva. Mesmo quando trata da compreensão da significação linguística, Wittgenstein ressalta essa ligação da linguagem com atividades, como aponta Hacker (2001, p. 58): usar corretamente a expressão de acordo com regras estabelecidas para seu uso; dar explicações corretas de seu significado em contextos adequados e responder apropriadamente ao uso da expressão por parte de outros.

Uma palavra terá significado dentro de uma rede conceitual ampla na qual é usada para com esta participar de uma atividade. Na base da significação está a ação realizada dentro desse contexto, ao qual as palavras estão ligadas; é na conexão com essas ações que as palavras recebem significação. Este é o significado profundo da noção de forma de vida na

filosofia de Wittgenstein, o que significa que compreender uma linguagem é compreender uma forma de vida, e compreender uma forma de vida é compreender como vivem as pessoas ali dentro, ou seja, como agem, por um lado, e, por outro lado, quais são as crenças, desejos, sentimentos e valores que motivam essas ações. Nessa perspectiva, as palavras recebem sentido quando se tornam parte do todo de um jogo de linguagem, que por sua vez está enraizado em uma forma de vida, pois “representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 2015, § 19).

Os exemplos que Wittgenstein apresenta, como nas primeiras passagens das *Investigações*, - os exemplos dos pedreiros ou aquele das ‘cinco maçãs vermelhas’ – invariavelmente mostram como a significação das palavras depende das práticas com as quais estão envolvidas. Além disso, a própria consideração que tem pela questão da aprendizagem da linguagem mostra que esta acontece sempre já em contextos em que as crianças aprendem o domínio de uma atividade: “as crianças são educadas para levar a cabo *certas* ações, para usar *certas* palavras e para reagir de *certa* maneira às palavras de outrem”. (WITTGENSTEIN, 2015, § 5) Nas palavras de Hacker (2001, p. 58), o que a criança aprende são formas de comportamento, ela aprende uma variedade de ações e atividades características de uma comunidade linguística, tal como apresentado na famosa lista do parágrafo 23 das *Investigações filosóficas*.

Além disso, a relação da significação com as ações envolve também a forma como justificamos o uso das palavras e sentenças, em diferentes jogos de linguagem. Segundo Wittgenstein, um dos grandes equívocos que provocaram problemas para a correta compreensão da linguagem foi de que a forma das sentenças encobre as diferenças de significação porque uma mesma forma pode ter diferentes usos. Assim, por exemplo, sentenças que descrevem um fato e sentenças que expressam sensações podem ter a mesma forma, mas o uso que é feito delas revela significações completamente distintas. Uma sentença como “Tenho um relógio” tem a mesma forma da sentença “Tenho uma dor”, entretanto o uso que delas é feito é completamente distinto.

No caso apontado acima, a primeira sentença é uma descrição de um fato, enquanto a segunda é a expressão ou exteriorização de uma sensação. Apesar de terem a forma em comum, o modo como os termos que aparecem nelas recebem significação se distingue, pois ‘relógio’ é nome de um objeto que podemos observar pelos sentidos, enquanto ‘dor’ não é um objeto, muito menos um objeto interno observável, e é acessível apenas ao seu próprio “possuidor”. Além disso, a justificação de cada uma das sentenças é distinta, pois no primeiro

caso o que está em questão é a verdade ou não da afirmação, o que pode ser comprovado buscando-se evidência ou prova que a corrobore, enquanto no segundo caso o que está em questão é a motivação da ação, que deve ser dada pelo próprio sujeito agente, numa perspectiva de primeira pessoa.

Na sequência veremos como a diferença na forma de justificação de diferentes sentenças levou Wittgenstein a compreender que as ações humanas têm um sentido que não pode ser reduzido às explicações causais, o que o faz diferenciar entre movimentos corporais e ação propriamente dita.

2 A LINGUAGEM E O SENTIDO DA AÇÃO

Se por um lado encontramos em Wittgenstein a relação entre linguagem e ação já em sua concepção acerca do significado da linguagem, por outro lado encontramos importantes observações acerca do modo como a linguagem instaura o sentido para a ação humana. Seriam assim os dois lados da mesma moeda: se de um lado a linguagem recebe sua significação na relação dela com as ações humanas, de outro lado a ação humana recebe seu sentido de sua relação com a linguagem.

Entretanto, a noção de que a linguagem instaura o sentido da ação humana precisa ser compreendida a partir de uma distinção fundamental elaborada por Wittgenstein em seus escritos tardios acerca do movimento e da ação propriamente dita. De acordo com o filósofo, a ação humana tem peculiaridades que a distinguem e que no limite implicam a própria concepção de ser humano.

Já nas *Investigações Filosóficas* encontramos passagens em que Wittgenstein introduz a distinção entre movimento e ação, como por exemplo, quando afirma:

Eu vejo uma imagem que representa um rosto que sorri. O que é que faço quando interpreto o sorriso, ora como generoso, ora como agressivo? Não o imagino muitas vezes num contexto espacial e temporal que é generoso ou agressivo? Do mesmo modo posso imaginar que, nesta imagem, a pessoa sorri para uma criança que está a brincar, ou para o sofrimento de um inimigo.

Isto não é modificado pelo fato de eu poder de novo interpretar de outra maneira, por inserção num contexto mais amplo, a situação que à primeira vista parecia ser amigável. – Se não há circunstâncias especiais que alterem minha interpretação, interpretarei um certo sorriso como sendo amigável, chamar-lhe-ei ‘amigável’, e reagirei correspondentemente. (WITTGENSTEIN, 2015, § 539).

De acordo com essa passagem, podemos dizer que certo movimento, no caso o sorriso, só pode ser corretamente compreendido de acordo com o contexto “espacial e temporal” no qual está inserido. O sorriso é um determinado movimento no rosto de alguém, mas esse sorriso pode significar diferentes coisas: generosidade, agressividade, amizade, satisfação pelo sofrimento do inimigo, etc. A compreensão desse significado acontece de acordo com nossa efetiva participação em práticas nas quais se instaura o significado em cada caso específico. Assim sendo, o movimento que produz o sorriso em si mesmo não nos diz muita coisa, mas sim o contexto de acordo com o qual interpretamos esse movimento. Nesse contexto um dos elementos fundamentais diz respeito às nossas próprias reações em relação ao movimento, no sentido em que uma determinada ação demanda da parte dos outros participantes do jogo de linguagem reações comuns e adequadas.

Quando analisa os conceitos de vontade e de voluntariedade Wittgenstein faz uma observação que é fundamental para compreendermos a distinção entre comportamento e ação:

Do movimento do meu braço eu não diria que vem quando vem. Este é o domínio no qual podemos dizer, com sentido, que uma coisa não nos acontece simplesmente, mas sim que nós a *fazemos*. ‘Não preciso de esperar até que o meu braço se levante – eu posso levantá-lo’. (WITTGENSTEIN, 2015, § 612).

Essa passagem mostra que há uma diferença fundamental entre aquilo que simplesmente nos acontece e aquilo que efetivamente fazemos. No primeiro caso, o que acontece não depende de nós, no sentido de que não nos é facultado escolher o rumo do acontecimento, enquanto que no segundo caso somos sujeitos efetivos dele, o que acontece não aconteceria sem a presença de um sujeito que *faz* acontecer. Aqui encontramos a noção de agência, que revela que a ação só pode acontecer se existe um sujeito a quem possamos identificar enquanto o responsável pelo que acontece.

Entretanto, o sujeito só pode fazer algo quando exista um contexto em que a ação possa ser identificada como tal:

Existe um determinado conjunto de movimentos, palavras, caras, como as manifestações de relutância ou prontidão que caracterizam os movimentos voluntários do homem normal. Quando chamamos a criança, ela não vem voluntariamente. Há ali, por exemplo, o gesto “Não quero!”. Ou há a vinda alegre, a decisão de vir, a fuga com sinais de medo, os efeitos da persuasão, todas as reações do jogo, os sinais de reflexão e seus efeitos. (WITTGENSTEIN, 2008, § 841).

Como afirma Wittgenstein, a ação precisa ser caracterizada como tal: “tiram-se dos movimentos involuntários conclusões bem diferentes das que se tiram dos voluntários: isto caracteriza o movimento voluntário” (WITTGENSTEIN, 2008, § 850), e caracterizar uma ação é justamente instituir o seu sentido. Por isso, as ações humanas não são pura e simplesmente movimentos de um corpo, que se poderiam entender como comportamento pura e simplesmente, mas elas têm um sentido, dado por um contexto no qual crenças, desejos, sentimentos e valores têm um papel fundamental, porque moldam os motivos que o sujeito apresenta para justificar sua ação.

A principal consequência de tratar dessa forma as ações é que elas não podem ser explicadas em termos puramente causais, ou seja, não se podem reduzir as explicações para a ação humana em termos de sua causa. Numa explicação de tipo causal, a ação e aquilo que a explica, a causa, estariam separadas, e isso significa que ela pode ser explicada em termos de uma observação em terceira pessoa, a partir de evidências que podem ser descobertas num sentido externo à própria ação. Mas a razão de uma ação não pode ser separada da ação, razão e ação estão intrinsecamente ligadas, e o desvelamento da razão acontece interpelando o sujeito que age. É a resposta à pergunta “Por quê?”, dirigida ao agente, que revela a razão da ação. Se a causa pode ser explicada por experimentos, a razão da ação será estabelecida simplesmente perguntando ao agente por que age da forma como age. Nas *Observações sobre a filosofia da psicologia* encontramos: “Se me perguntam ‘Você vai agir assim?’ – eu reflito sobre *razões para e razões contra*” (WITTGENSTEIN, 2008, § 815).

O enfoque causalista retira da ação seu aspecto significativo, pois este, para ser compreendido, depende de um ponto de vista em que se apresentam as razões para a ação, mas as razões não podem ser encontradas ou descobertas; as razões têm de ser reveladas pelo sujeito da ação. É nesse sentido que as razões dão o sentido da ação, pois um mesmo movimento pode ser compreendido de diferentes perspectivas e, portanto, realizar diferentes ações. É dessa maneira que o sujeito da ação aparece como fundamental para a compreensão do sentido dela.

O comportamento humano pode ser descrito, portanto, de duas perspectivas, enquanto movimento e enquanto ação. Quando se trata de movimento, podemos fazer a descrição do que acontece de um ponto de vista de terceira pessoa, observando “de fora” o que se passa e demonstrando as causas do movimento, como por exemplo, o que é que faz com que o braço se levante, ou seja, a descrição de algo que *acontece* com o sujeito. Podemos descrever os movimentos de uma perspectiva de terceira pessoa puramente, buscando as causas que o

explicam, mas quando é de ação que se trata temos que envolver a perspectiva da primeira pessoa, que está ausente da explicação causal. A perspectiva de primeira pessoa envolve o sujeito de uma forma incontornável, pois é o sujeito da ação, que não aconteceria de outra maneira que não pelas razões que ele próprio tem a oferecer. Há um vínculo entre a ação e o sujeito, e ele é tão forte que um não pode ser compreendido sem o outro.

As razões não indicam um único caminho ou uma única ação como consequência delas, mas sim uma determinada perspectiva de acordo com a qual a ação é avaliada. É por isso que quando de ação se trata tem de se considerar os conceitos correlatos de intenção e voluntariedade, pois disso é que decorre a possibilidade de responsabilização do sujeito: “a atribuição de razões ou intenção acompanha nossa compreensão da ação do outro enquanto ação voluntária, e nesse sentido, a postulação de intencionalidade e a capacidade de apresentar razões caracterizam nossa relação com outros seres humanos” (JOHNSTON, 1989, p. 41, tradução nossa).

Por isso podemos afirmar que, enquanto as causas fazem algo acontecer, as razões indicam se uma ação é aceitável ou não, se é boa ou não, ou seja, indica uma perspectiva de avaliação da ação que inevitavelmente tem de considerar a possibilidade de “ter feito de outro jeito”, demonstrando a própria voluntariedade da ação. Como afirma Peter Hacker (2001, p. 69, tradução nossa):

Identificar o comportamento humano característico pressupõe convenções, sistemas de crenças e valores e instituições sociais que estão intrinsecamente relacionadas ao comportamento, e demanda conceitos associados a essas convenções, sistemas de valores e instituições. O sentido de tal comportamento pode, portanto, ser apreendido apenas histórica e contextualmente.

O horizonte de sentido da ação humana é, portanto, o contexto histórico de uma forma de vida em que os próprios seres humanos se encontram. É somente nesse contexto regrado em que podemos afirmar que uma ação é realizada, pois é ali que se fundamentam as razões últimas que podem ser oferecidas como razões para justificação da ação: “a intenção está imersa na situação, nos costumes e nas instituições dos homens. Se não houvesse a técnica do jogo de xadrez, então também eu não poderia intencionalmente jogar uma partida de xadrez” (WITTGENSTEIN, 2015, § 337).

3 A LINGUAGEM E O SENTIDO DA VIDA

Como se vê, a realização das ações acontece sempre dentro de certos padrões de algum jogo de linguagem; desde que nascemos estamos já inseridos em vários jogos de linguagem. E os jogos de linguagem são constituídos por regras gramaticais, regras estas que determinam o significado das palavras que dele fazem parte, mas também o sentido das ações que a ele estão associadas, uma vez que um jogo de linguagem é um todo de palavras e *atividades* a ele associados. Sendo assim, as ações são sempre descritas da perspectiva de um jogo de linguagem e é preciso, por isso, ter em consideração as regras que determinam o significado das palavras com as quais descrevemos a ação naquela perspectiva; não há uma única perspectiva de descrição da ação.

O seguimento de regras e paradigmas, e eles próprios, são em definitivo ações humanas. A ação humana vem incrustada em um contexto humano de práticas e de vida, nos quais, e só nos quais, a regra, seu seguimento e seu jogo adquirem sentido e são tais. Ao final de toda interpretação está a prática humana e a vida humana. (REGUERA, 2002, p. 197).

Todos os nossos jogos de linguagem partem dessa base de sentidos fornecida pela nossa interação com o mundo. Esse plano que se instaura a partir de nossa interação com o mundo e que ao mesmo tempo instaura sentido é o plano da nossa experiência de mundo. É nessa complexidade dada pelo mundo, pela nossa experiência e pela linguagem que o mundo, os outros sujeitos e nós mesmos passamos a ter sentidos diferenciados, pois a linguagem organiza essa experiência humana no mundo, como na passagem de Arley Moreno, citada anteriormente. Vemos o mundo sempre já dentro de uma rede conceitual, o mundo não nos é dado mais de forma “pura”.

Essa experiência funda nosso modo de agir no mundo e vai se cristalizando pouco a pouco numa rede conceitual que passa a ser algo como uma visão de mundo. Nessa rede conceitual, certas proposições estão na base e, apesar de terem a forma de proposições empíricas, são proposições gramaticais que aglutinam o sentido daquela experiência humana no mundo. Muito dificilmente tais proposições são ditas (usadas em um jogo de linguagem), pois na verdade elas definem as condições de possibilidade de todo o dizer. Essas proposições surgem a partir do que Wittgenstein chamou o modo comum de agir de todos os homens, e se condensam em uma forma de vida, sendo esta constituída de acordo com nossos hábitos (costumes, instituições).

Segundo Peter Hacker, a linguagem é o meio pelo qual interagimos com o mundo a nossa volta e se, por um lado, podemos abarcar os objetos que nos são dados na experiência, identificando-os a partir de conceitos, também temos a possibilidade de, por meio da linguagem, dar expressão a nossos pensamentos, desejos e sentimentos, bem como atribuí-los a outros e, por fim, é a linguagem que permite aos seres humanos agir de acordo com razões e seguir regras que determinam o que é certo ou errado. Para Hacker essa é a própria singularidade do ser humano, pois a posse de uma linguagem altamente desenvolvida é o que distingue o ser humano do restante da natureza: “o que nos faz o tipo de criatura que somos é, com certeza, também nossa natureza animal, mas é nossa natureza animal transformada pela posse de uma rica linguagem, a qual expande nosso intelecto, nossas emoções e nossa vontade” (HACKER, 2001, p. 57, tradução nossa).

Assim, a noção de forma de vida está vinculada a uma peculiar concepção de humanidade, pois a singularidade ou o específico no ser humano está atrelado à capacidade de desenvolver uma cultura, o que se deve à capacidade humana da linguagem, o que, por sua vez, implica a possibilidade de criar para o mundo e a vida um sentido. A cultura é aquilo que distingue a humanidade de outras formas de vida, e um dos pontos fundamentais dessa noção é que com a cultura o ser humano tem uma relação distinta com o mundo e os fatos, pois estes não são mais tomados em sua imediaticidade, mas busca-se para eles um sentido. Em sendo assim, a cultura é uma forma de constituir um sentido para o mundo e os fatos - que Wittgenstein aludia com a expressão ‘o sentido da vida’ - nos quais estamos inseridos.

Essa busca por um sentido para a vida está presente desde os primeiros escritos de Wittgenstein - como se lê no final do *Tractatus*, quando afirma que mesmo que todas as questões científicas tenham algum dia sido resolvidas, os problemas de vida não terão sido sequer tocados - e permanece ao longo de sua obra, mesmo que não tão explicitamente. A relação que a busca pelo sentido da vida pode ter com os sentimentos, emoções e valores revela-se nas muitas passagens em que Wittgenstein clama por uma certa experiência que deveria estar na base dessa busca pelo sentido da vida, pois essa busca nasce justamente de uma reação de um sujeito que se vê absolutamente só diante de um mundo terrível e assustador. A angústia que nasce da compreensão da falta de sentido do mundo e da vida é paralisante, e a saída desse estado depende de uma decisão do sujeito em mudar a perspectiva com a qual encara o mundo e a vida. Nos primeiros textos essa mudança era uma mudança na vontade do sujeito, já nos últimos textos demanda uma mudança de atitude para com o mundo e com a vida.

Tendo como base essa experiência humana fundamental, desenvolvemos os nossos jogos de linguagem a partir dos quais vamos elaborando sistemas que nos permitem lidar com os diferentes aspectos da realidade. E aqui temos um ponto fundamental para compreender o antiessencialismo de Wittgenstein, pois não temos para com a realidade uma atitude neutra, pura, desinteressada, como se o mundo fosse independente do sujeito e que tivesse uma essência em si mesmo que fosse o objeto ou o conteúdo que devesse ser abarcado em nossa experiência de mundo e transposta para um conceito. Ao contrário, a partir da linguagem vamos dando forma a essa experiência, que passa a ter lugar numa rede conceitual que constitui o sentido das experiências. É assim que a experiência, e o próprio mundo, tornam-se significativos. Assim, essa relação é sempre mediada por nossos objetivos, interesses, afetos, sentimentos, emoções. Por isso, nossos jogos de linguagem sempre envolvem valores que inevitavelmente atribuímos ao mundo, aos fatos, aos objetos. A partir dos valores assim considerados, também atribuímos valores às nossas próprias ações e às ações dos outros sujeitos com os quais interagimos.

Entretanto, para Wittgenstein a experiência humana fundamental, que está na base da busca pelo sentido da vida, não é um tipo de experiência tal como a visão, a audição ou o tato, mas uma experiência mais básica, que tem suas raízes no nosso modo de estar no mundo. Essa experiência aparece também em certas crenças que temos, tais como de que as coisas não crescem ou diminuem de tamanho o tempo todo, que não vão desaparecer de repente, que tenho um corpo, que o mundo existe, como os truísmos apresentados por Moore e que Wittgenstein discute no *Da certeza*, mas vai além disso, como se vê em uma observação de 1937, em que Wittgenstein afirma que:

A vida pode educar-nos para a fé em Deus. E são também as *experiências* que o fazem; mas não me refiro a visões e a outras formas de experiência dos sentidos que nos mostram a “existência deste ser”, mas, por exemplo, a sofrimentos de vários tipos. Estes nem nos revelam Deus do mesmo modo que a experiência dos sentidos nos revela um objeto, nem dão origem a quaisquer *conjecturas* a seu respeito. As experiências, os pensamentos – a vida pode impor-nos estes conceitos. (WITTGENSTEIN, 2000b, p. 125).

É interessante perceber como Wittgenstein, nessa passagem, articula o conceito de Deus com aquele de ‘objeto físico’ que aparece no parágrafo 36 de *Da certeza*. No final da passagem ele diz o seguinte: “talvez ele seja então semelhante ao conceito de ‘objeto’”. Ora, no *Da certeza* o conceito de ‘objeto físico’ aparece justamente para demonstrar o equívoco realizado por Moore, que tentava provar a verdade da proposição “Existem objetos físicos”.

De acordo com Wittgenstein, o erro de Moore foi não ter percebido a diferença de categorias das sentenças em questão. As sentenças em que o conceito ‘objeto físico’ aparece não são proposições empíricas que demandam provas acerca da sua verdade, mas proposições gramaticais que determinam o funcionamento de um jogo de linguagem, são regras que determinam como as palavras devem ser usadas em um particular jogo de linguagem: “é uma indicação sobre o uso de palavras, e ‘objeto físico’ é um conceito lógico”.

Se Wittgenstein faz essa aproximação entre o conceito ‘Deus’ e o conceito ‘objeto’ então podemos considerar que também o conceito ‘Deus’, juntamente com os conceitos de ‘bom’ e ‘belo’, faz parte do arcabouço de determinado jogo de linguagem, aquele em que se revelam os valores que assumimos em nossa visão de mundo. Sendo assim, os conceitos ‘Deus’, ‘bom’ e ‘belo’ deveriam ser compreendidos enquanto articuladores de um determinado sentido do mundo, que se cristaliza em regras gramaticais que revelam a adequação do uso de certas proposições. Nesse sentido ele revela uma determinada forma de encarar o mundo e a vida, que se articula em proposições gramaticais de uma determinada forma de vida, revelando uma particular visão de mundo.

Uma forma de vida deve, assim, ser compreendida como o espaço mesmo em que os valores se expressam, por isso envolve toda uma concepção de estética, como de ética e de religião, mas não só, pois envolve toda uma visão de mundo. A cultura envolve um modo particular de uma determinada forma de vida revelar os valores que lhe são caros, a cultura é justamente o lugar em que tais valores se mostram nas atividades próprias dos sujeitos que dela fazem parte. Não à toa que para Wittgenstein os homens de seu tempo não tinham mais uma cultura, mas faziam parte de uma civilização em que os instintos mais baixos se revelavam, deixando à mostra a decadência de que é capaz o ser humano quando se distancia daquilo que é a sua marca. Uma civilização que perdeu a conexão com aquela experiência fundante de sua humanidade, que perdeu a capacidade de sentir aquela emoção profunda perante o mundo e a vida. Uma civilização assim distanciada das suas mais ricas emoções e valores não pode desenvolver uma cultura, pois os valores que comunga são totalmente incompatíveis com a possibilidade de articular qualquer sentido para a vida. A ciência, quando trata os fatos na sua crueza e imediaticidade, não lhes confere nenhum valor, portanto nenhum sentido. O cientista é alguém que se volta para o mundo e para os fatos totalmente despido de emoções, tentando encontrar neles as cadeias causais que poderiam explicá-los. Entretanto, as cadeias causais não conseguem extrair dos fatos o seu sentido, pois este está ligado aos valores, que por sua vez são valores para um sujeito que os vê de uma certa

perspectiva. Para essa perspectiva faz-se necessário um estranhamento, um espanto, impossível numa atitude científica para com o mundo.

Para Wittgenstein, a ética, a estética e a religião dizem respeito àquilo que dá sentido ao mundo e à vida, dizem respeito à esfera dos valores. Por isso, não podem ser explicadas pela ciência, pois esta apenas pode dar conta do mundo dos fatos, mas os fatos em si mesmos não encerram nenhum valor. A ética, a estética e a religião, uma vez que fundam o sentido do mundo e da vida, requerem meios de compreensão que não podem ser enquadrados pelos métodos empíricos das ciências naturais.

O que isso revela é que somos responsáveis, cada um de nós, pela instauração de sentidos, uma vez que este não vem já dado enquanto uma essência que deve ser encontrada sem o envolvimento dos sujeitos. Dessa perspectiva, a linguagem reflete nosso modo de estar no mundo e de interagir com ele e, portanto, podemos, através de reflexão e crítica, instaurar sentidos, seja para o mundo, seja para a nossa ação, seja para nós mesmos. Essa possibilidade se assenta na compreensão de que o significado não é algo dado e que precisamos simplesmente descobrir e agregar à palavra, mas, sim, que está à espera de que seja instituído e que tem seus desdobramentos na forma de constituição do sentido da ação humana e do sentido da vida, tornando-nos humanos. Numa observação, de 1937, Wittgenstein lança um desafio: “Sejamos humanos”. Ora, o que significa tal exortação senão que nossa humanidade não vem dada pronta e que nos resta descobrir, mas sim que é um projeto a ser levado a cabo pela própria humanidade e por cada um de nós?

REFERÊNCIAS

ANSCOMBE, G. E. M. **Intention**. Harvard: Harvard University Press, 2000.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

HACKER, P. M. S. The autonomy of humanistic understanding. *In*: HACKER, P. M. S. **Wittgenstein: connections and controversies**. New York: Oxford University Press, 2001.

JOHNSTON, Paul. **Wittgenstein and moral philosophy**. London/New York: Routledge, 1989.

MORENO, Arley. R. **Introdução a uma pragmática filosófica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

MORENO, Arley R. Wittgenstein e os valores: do solipsismo à intersubjetividade. **Natureza Humana**, v. 3, n. 2. São Paulo, 2001.

REGUERA, Isidoro. **Ludwig Wittgenstein**. Madrid: Edaf, 2002.

VENTURINHA, Nuno. **Lógica, ética, gramática: Wittgenstein e o método da filosofia**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Da certeza**. Lisboa: Edições 70, 2000a.

WITTGENSTEIN, L. **Cultura e valor**. Lisboa: Edições 70, 2000b.

WITTGENSTEIN, L. **Observações sobre a filosofia da psicologia**. Vol. I e II. Tradução de Ricardo H. P. Machado. Aparecida, SP: 2008.

WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico e Investigações filosóficas**. 6. ed. Tradução de M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.